

Linguagem e comunicação na era digital

Language and Communication in the Digital Era

Peter Schlobinski¹

Abstract: The article presents a short overview of the transformation of the media throughout history up to our days and discusses the specific features of digital communication.

Key-words: Language, Communication, Media, Digital Era

Resumo: O artigo traça um breve histórico das transformações midiáticas ocorridas até os dias de hoje e observa a especificidade da comunicação digital.

Palavras-chave: linguagem, comunicação, mídias, era digital

Introdução dos tradutores

Apresentamos o discurso proferido pelo Prof. Dr. Peter Schlobinski, da Universidade de Hanôver, por ocasião da cerimônia de entrega do Prêmio Konrad Duden, outorgado a ele em março de 2012. Por meio do trabalho de tradução de David Farah, o leitor brasileiro interessado pela língua alemã e pelos temas que a cercam tem a oportunidade de apreciar uma breve introdução à história do

1 Professor Titular de Linguística Germânica na Universidade Leibniz de Hannover. Email: peter.schlobinski@germanistik.uni-hannover.de

Agradecemos ao autor e à editora Duden por nos cederem os direitos de tradução para o português na Revista Pandaemonium Germanicum. O texto integral em alemão pode ser encontrado em: Schlobinski, Peter. Sprache und Kommunikation im digitalen Zeitalter. Rede anlässlich der Verleihung des Konrad-Duden-Preises der Stadt Mannheim am 14. März 2012. Mannheim. [= Dudenbeiträge zu Fragen der Grammatik und des Stils, Heft 61]. Disponível em: <http://www.mediensprache.net/de/essays/6/> (16/07/2012)

desenvolvimento tecnológico que, ao longo de diferentes períodos, marcou a forma com que interagimos com a língua.

Peter Schlobinski nasceu em 1954 em Berlim e é professor titular de Linguística Germânica na Universidade Leibniz de Hanôver, no estado alemão da Baixa Saxônia, desde 1995. Estudou Germanística, História e Educação Física na Universidade Livre de Berlim, onde também atuou como assistente de pesquisa entre 1982 e 1987. No período de 1993 a 1995 foi professor titular da cadeira de Linguística Germânica da Universidade de Munique. Em parceria com Jens Runkehl e Torsten Siever, fundou em 1998 o projeto *sprache@web*, que administra o portal de Linguística Midiática <http://www.mediensprache.net/de/>. Suas principais linhas de pesquisa são: Gramática e Didática da língua alemã, Linguística Aplicada, Sociolinguística e Linguística Contrastiva.

Nomeado em homenagem ao filólogo alemão Konrad Duden (1829-1911), o Prêmio Konrad Duden é concedido a germanistas que se destacaram em sua atuação no âmbito da pesquisa ligada à Língua Alemã. Instituído em 1960, o prêmio é entregue a cada dois anos pela cidade de Mannheim (no estado de Baden-Württemberg, sudoeste da Alemanha) em parceria com a Editora Duden, uma das principais editoras da Alemanha voltada para a temática da língua alemã para leigos e especialistas. Desde sua primeira edição, 28 linguistas foram agraciados com o Prêmio Konrad Duden.

O discurso de Peter Schlobinski toma os contornos de um artigo expositivo e também convida o leitor brasileiro a uma breve introdução à história do desenvolvimento tecnológico sob uma perspectiva sociolinguística. Schlobinski retoma a revolução empreendida com a ajuda da invenção da prensa tipográfica de Gutenberg para demonstrar como as atuais transformações tecnológicas associadas ao computador e ao mundo virtual consolidam-se cada vez mais como parte indispensável do cotidiano nesta segunda década do século XXI. Amparado por esse percurso histórico e pela constatação de que a tecnologia digital tornou-se indissociável da forma como as gerações atuais lidam e interagem com a língua e a linguagem, Schlobinski mostra que a interface entre a Linguística e a Informática abre uma vasta gama de oportunidades de pesquisa linguística no âmbito das novas mídias digitais. Ainda que voltado especificamente para a língua alemã, o artigo de Schlobinski permite visualizar como a internet e as tecnologias digitais têm transformado o modo como os falantes utilizam-se da língua e determinam as bases de novos gêneros textuais escritos.

Tinka Reichmann e David Farah
Universidade de São Paulo

Linguagem e comunicação na era digital

Peter Schlobinski

Discurso por ocasião da entrega do Prêmio “Konrad Duden”
outorgado pela cidade de Mannheim, aos 14 de março de 2012

Hallo OB² und Hi to everybody – assim poderia começar um *post* em um *blog* ou um *tuíte* sobre o tema *Prêmio Konrad Duden*. E esse enunciado não seria uma evidência para a tese de que a língua alemã esteja em decadência, de que a *linguagem da internet* “há muito se tornou uma dessas variantes de inglês *pidgin*”, como formulado por Juan Luis CEBRIÁN, em 1998, no relatório ao *Club of Rome* sob o título alemão *Im Netz – die hypnotisierte Gesellschaft* [Na rede – a sociedade hipnotizada] (CEBRIÁN 1999: 190):

[...] não o inglês de Shakespeare ou de Joyce, mas um inglês *pidgin* – improvisado e sem regras, exposto à influência de centenas de milhares de jovens, que receberam notas baixas nas aulas de língua estrangeira, pisoteado por hordas prosódicas, sintáticas e gramaticais (Id.: 191).

Hallo OB und Hi to everybody – uma saudação informal, breve e concisa, mas totalmente inaceitável para o evento de hoje. Farei, portanto, uma segunda tentativa e, desta vez, de maneira adequada à situação. Excelentíssimo senhor Prefeito, caro senhor Eichinger, caros colegas, honrados convidados, queridos familiares e amigos! É uma grande honra e alegria para mim estar aqui hoje e receber o Prêmio Konrad Duden, e gostaria de unir ao meu agradecimento o meu compromisso pessoal de não perder de vista a aplicabilidade da Linguística – ciência importante para muitos setores da sociedade – e de continuar a fomentar o diálogo com o público leigo interessado em questões referentes à língua. Nesse ponto, seria de praxe, mas também muito tedioso, agradecer a todos aqueles a quem devo meus agradecimentos. Por tal motivo, gostaria de me restringir e de agradecer em primeiro lugar à

2 Abreviação de Oberbürgermeister (prefeito). N.d.T.

minha família pelo apoio e também pela indulgência ante as tantas horas em que estive absorto em meus próprios pensamentos. Gostaria de agradecer a meus dois colegas cofundadores do projeto *mediensprache.net*, Siever e Runkehl: sem nosso bom trabalho em equipe nos mundos real e virtual, não existiriam nem inúmeros trabalhos nem o portal sobre a linguagem midiática. E por fim, gostaria de agradecer à cidade de Mannheim e à Editora Duden, bem como ao senhor Eichinger, pelo discurso laudatório extremamente simpático!

Senhoras e senhores, no notório – talvez genial – artigo *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, redigido pelo filósofo Walter Benjamin em 1935 em seu exílio em Paris, o autor afirma:

No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente (BENJAMIN 1977: 141)³.

Com a segunda revolução de Gutenberg, estamos no início de um longo período histórico, uma cesura histórica, em que se reorganiza não apenas nossa percepção sensorial, mas também a produção e a reprodução da comunicação e, com isto, também da linguagem. No momento atual, mergulhamos cada vez mais na era da sociedade digital que se transformará a olhos vistos nos próximos anos, num ritmo muito mais acelerado e dinâmico desde a irrupção da era digital, há quinze anos.

As revoluções midiáticas são uma peça essencial de nossa história e cultura; desencadeavam e ainda desencadeiam dinâmicas no processo da civilização. Com o desenvolvimento da escrita há uns cinco mil anos, quase que simultaneamente pelos sumérios e os egípcios, “a comunicação pode ser preservada” (LUHMANN 1984: 127) e a escrita passou a ser utilizada no comércio, na administração e nas práticas sacras. Por meio disso ocorre um processo de abstração situacional: a comunicação torna-se independente da memória e do aqui e agora dos participantes da interação. Como foi adequadamente formulado pelo sociólogo Niklas Luhmann, “a comunicação separa-se, em seus efeitos sociais, do momento de sua

3 NdT: Citado segundo Benjamin, Walter (1996) *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. In: *Obras escolhidas I: Magia e técnica*. 10ª edição. São Paulo: Brasiliense, p. 169.

primeira ocorrência, de sua formulação”, com a seguinte consequência: “escreve-se para futuras situações nas quais o escritor não necessita estar presente”. (Id.: 128)

A segunda grande revolução midiática inicia-se em meados do século XV com Johannes Gutenberg. A invenção da imprensa moderna aumentou o alcance e a frequência da comunicação escrita à distância com os respectivos impactos sobre as comunidades linguísticas e comunicativas. Em seu trabalho sobre os impactos da imprensa no início da Idade Moderna, Michael GIESECKE (1998) demonstrou que as línguas surgidas na Europa à época da imprensa caracterizam-se, no fim das contas, como diretivas de codificação para o armazenamento e a disseminação de informação nos novos sistemas tipográficos nacionais. Nos termos de GIESECKE (1998: 489), as novas línguas eram denominadas “de forma precisa, de ‘línguas artificiais’ (Schottel⁴) devido ao seu ajuste aos parâmetros técnicos e, em tempos mais recentes, como língua padrão”.

No século XIX, a palavra falada e a imagem tornam-se reproduzíveis do ponto de vista técnico. Com a invenção do aparelho de telefone, a transmissão da fala ocorre por meio de sinais elétricos e as distâncias espaciais reduzem-se, na comunicação entre falante e ouvinte, a um ponto. A fotografia, a gravação sonora e, por fim, o projetor cinematográfico são invenções que tornam a comunicação linguística e imagética reproduzível e que por si mesmas criam novas formas de comunicação e arte, levando enfim à variedade de mídias de massa, que determinou fundamentalmente o desenvolvimento social e cultural do século passado; pensemos apenas no significado do rádio no período do fascismo e da televisão à época do milagre econômico.

À conquista da informação por meio da escrita, da tipografia, da daguerreotipia, da fonografia e da cinematografia segue-se a comunicação pelo computador e pela internet. Mas o que distingue a revolução digital, que se inicia no século XX com o computador, cuja designação em língua inglesa *Electronic Numerical Integrator and Computer* foi usada pela primeira vez em 1946? Quais impactos têm as novas tecnologias da informação e da comunicação sobre a sociedade e a cultura, sobre a comunicação e a linguagem? Quais são as peculiaridades da “comunicação eletrônica” ou ainda “comunicação digital”?

4 Justus Georg Schottelius, poeta alemão e gramaticista barroco.

A revolução digital integra todas as conquistas das revoluções midiáticas predecessoras. Multimídia e multimodalidade, convergência de mídias e transmidialidade são conceitos-chave desse processo. Essencialmente, porém, esta “midiamorfose” (cf. ROSNAY 1997: 93ss) leva a um sistema comunicativo integrado e universal, uma “unimídia”, em que o mundo real, o imaginário-ficcional e o virtual fazem referência entre si. E essa “unimídia” globaliza a linguagem e a comunicação em uma nova qualidade. Ela torna a comunicação livremente conversível; a moeda são *bits* e *bytes*. Assim como o dinheiro é um meio de troca, a diferença entre os algarismos zero e um é a chave para representar qualquer informação numa forma específica, a saber: digital. E, dessa maneira, toda informação e, conseqüentemente, toda informação linguística pode ser convertida de A para B. Assim formula Joël de ROSNAY, biólogo e cientista da computação francês, em seu livro visionário *Homo symbioticus* (trad. alemã 1997: 93): “a digitalização permite o processamento de informações (áudio, imagem, texto, *software*) com uma única linguagem universal, com uma espécie de esperanto do maquinário da comunicação.” Permitam-me ilustrar a relevância deste “esperanto do maquinário da comunicação” destacando alguns poucos exemplos.

Cenário -10². Em um artigo intitulado *O século sem fio*, lê-se:

[...] qualquer pessoa terá seu próprio telefone de bolso, por meio do qual poderá se conectar a quem ela quiser [...]. Em todas as partes, ela estará conectada com o restante do mundo, poderá falar e comunicar-se com ele, e o verá – se ela quiser vê-lo –, mesmo se ela estiver a mil pés de profundidade sob a terra ou sob o nível do oceano e poderá ser vista em todo movimento, ainda que no menor deles” (SLOSS 2012: 35).

E ainda se pode ler mais adiante: “qualquer pessoa pode ver com seus próprios olhos todas as celebridades de seu tempo e falar com elas. Sim, talvez também seja ainda inventado o aparelho por meio do qual se possa lhes apertar a mão e sentir este aperto de mão” (idem, p. 44). Essas linhas não foram retiradas de um rascunho da Apple, mas de um artigo do jornalista norte-americano Robert Sloss no volume *O mundo daqui a 100 anos*, de 1910, que foi republicado em 2010 com grande sucesso. A interconexão tecnológica e a disponibilidade comunicativa de tudo e todos, naquela época chamada de “sem fio” e hoje digital, prometiam: ninguém está só, cada um é parte integrante da sociedade interconectada. Mas uma leitura

irônica e dialética dessa citação não permitiria concluir que se torna solitário aquele que está arraigado ou desarraigado nas redes comunicativas marcadas pela tecnologia?

Cenário 1. Os senhores estão em seu carro e dão o comando “enviar um SMS para Joschi”. O menu de SMS é iniciado e o programa pede que vocês ditem o texto; os senhores o fazem e o texto é enviado a Joschi como SMS. Joschi esqueceu seus óculos e ativa a leitura em voz alta do SMS por um software instalado em seu *smartphone*. O reconhecimento e processamento de língua falada naturalmente, realizado, por exemplo, pelo software da Apple *Siri* ou o *Via Voice* da IBM, já não constitui um problema técnico, com exceção de algumas fontes de erros interessantes do ponto de vista linguístico. Hoje em dia, o reconhecimento de sons é praticamente livre de erros, assim como a conversão de língua falada em texto escrito, como já testamos uma vez em Hanôver.

Cenário 2. Os senhores possuem dicionários antigos em caracteres góticos e desejam disponibilizá-los ao público para fins de pesquisa online. Escaneiam os dicionários, produzindo arquivos de imagem, por um lado, e arquivos de texto, por outro, ao usar um OCR, um software de reconhecimento de caracteres. A seguir, o arquivo de texto é processado com a ajuda de um software de correção. A seguir, colocam os fac-símiles num portal na internet e inserem links para os arquivos de texto armazenados em segundo plano, possibilitando assim uma pesquisa por palavras. Foi assim que meu amigo e colega Michael Dürr e eu procedemos há alguns anos ao digitalizar algumas bibliografias primárias berlinenses e literatura secundária e publicá-las no portal da Biblioteca Estadual Central de Berlim. O reconhecimento de caracteres góticos hoje é padrão, enquanto o reconhecimento de textos manuscritos já está bastante avançado.

Cenário 3. Os senhores estão em Tóquio, perdidos no império dos signos. Colocam óculos que podem projetar informações diretamente na retina, com ajuda de um microchip. Focalizam um ideograma japonês no oitavo andar do prédio do outro lado da rua e recebem, em inglês, a informação de que ali se encontra um *cybercafé*. Um olhar sobre o ideograma lhes mostra imagens do café, bem como a lista de preços. Ainda não existe um aplicativo como esse. Entretanto: há pesquisas com óculos de transmissão de dados desde 1968 – e com sucesso. Nesse meio tempo, pesquisadores têm desenvolvido lentes de contato que funcionam como um monitor virtual de retina. Fato é que, por enquanto, tais dados de imagem só podem

ser transmitidos aos olhos de modo embaçado. Essa e outras formas semelhantes de articulação entre o mundo real e o virtual expandem a maneira pela qual se acessa o mundo real, por isso se fala, nesse caso, de uma *augmented reality*, uma realidade aumentada. Hoje em dia, *smartphones* são capazes de identificar prédios, como o Palácio de Mannheim, por meio de GPS, câmera e conexão à internet e, ao fazê-lo, podem buscar as informações relacionadas na Wikipédia. O Google quer lançar ainda este ano seus óculos de realidade aumentada que podem projetar informações diretamente diante dos olhos do usuário e que se baseiam no sistema operacional para terminais móveis, o *Android*. Em tempo: o reconhecimento facial está de tal modo aperfeiçoado que poderemos, num futuro não tão distante, identificar pessoas na rua com auxílio da câmara do celular e, ao mesmo tempo, acessar seus dados armazenados no *Facebook* ou no *Google+*. O exemplo acima e a nova função do *Facebook* chamada *linha do tempo* demonstram que o problema da proteção de dados ganhou dimensões de um problema grande e insolúvel, ao estilo de George Orwell.

Cenário 4. Os senhores informam suas coordenadas geográficas ao seu computador e se teletransportam de seu ponto de partida para a Torre Eiffel. Ou ainda, os senhores voam do Palácio de Mannheim para o prédio do *Institut für deutsche Sprache* (IdS). Ainda impossíveis na realidade, essas duas possibilidades de ir do ponto A para o ponto B (e outras mais) existem, porém, em ambientes virtuais como *Second Life*. Ao chegar à versão virtual do IdS, os senhores encontram um arbusto que conversa com uma galinha d'angola, discutindo questões linguísticas. *Second Life* é um mundo virtual onde os senhores podem encontrar pessoas e conversar, onde aulas e cursos são oferecidos, onde acontecem festas, etc. Numa aula, meu colaborador, Siever, e eu investigamos mais de perto esse mundo com os alunos; investigamos como e sobre o que se comunica; como as relações espaciais são realizadas linguisticamente; qual influência tem a escolha da máscara virtual, o chamado *avatar*, sobre a comunicação. Mas *Second Life* é patético se comparado com os mundos sofisticadamente elaborados das redes virtuais de jogos como *World of Warcraft*. Nesse mundo de jogos, a comunicação em língua escrita se dá em salas de bate-papo e, em língua falada, por meio de fones de ouvido, e aspectos visuais e gestos são igualmente centrais para coordenar as ações. Atualmente, a conexão ao computador ou ao console de jogo via teclado, *joystick* ou fones de ouvido dissolve-se cada vez mais – e aqui, mais uma vez, a pesquisa militar é pioneira.

Capacetes e óculos com visores em três dimensões, luvas com sensores de força e pressão, e até trajes com transmissão de dados, com os quais o corpo inteiro se comunica com o computador e se encaixa perfeitamente em um mundo virtual; todos esses equipamentos desempenham um papel cada vez maior na condução de guerras virtuais, cada vez mais semelhantes às reais. Nesse sentido, já em 1963, o autor de ficção científica Stanisław LEM havia cunhado o conceito de “fantomatização”, tratando-se da “conexão de todos os sentidos do ser humano a um computador, que o ‘fantomatiza’, ou seja, aparentemente o mergulha na realidade fictícia” (LEM 1999: 95).

Cenário 5. É o último cenário que quero lhes apresentar e também o mais especulativo. Em uma entrevista ao semanário *Die Zeit*, em 31/12/2003, Niels Birbaumer, diretor do Instituto de Psicologia Médica e Neurobiologia Comportamental da Universidade de Tübingen, respondeu à pergunta “Seremos capazes de ler pensamentos?” da seguinte forma: “É provável. Pelo menos poderemos decodificar pensamentos simples.” E ainda: “Até certo ponto, já o conseguimos hoje: para tanto, medimos os impulsos elétricos diretamente na região das células nervosas e fazemos um programa de computador analisá-los a fim de reconhecer padrões.” Ora, estamos ainda muito distantes da leitura de pensamentos. Entretanto, em 2011, pela primeira vez informações de imagem puderam ser lidas diretamente do cérebro. Com novos procedimentos que têm sido aplicados na neurobiologia e na bioinformática, o processamento e arquitetura da informação linguística podem ser determinados melhor e com mais exatidão. Segmentos das redes neurais podem ser modelados no computador. Ao que tudo indica, conseguiremos neste século decodificar informações linguísticas e também outras informações diretamente do cérebro. No início do ano, pesquisadores da Universidade da Califórnia em Berkeley apresentaram um estudo segundo o qual eles foram capazes de reconstruir, com uma taxa significativa de acerto, quais palavras as pessoas ouviram, apenas pela medição da corrente cerebral. Informações que podem ser decodificadas podem ser também codificadas. Não seria um grande alívio se não precisássemos aprender os caracteres chineses com tanta dificuldade, mas, sim, acessá-los diretamente por meio de um módulo interligado, usando o pensamento? Ou acessar diretamente a Wikipédia usando um comando de pensamento?

Posso muito bem imaginar que muitos dos senhores pensam que isso tudo não passa de mera ficção científica e que talvez deva permanecer assim. E, de fato, a especulação ainda está muito distante da realidade atual. Mas levem em consideração dois fatores: em primeiro lugar, vários pesquisadores de ponta trabalham exatamente com essas questões e outras semelhantes; em segundo lugar, voltem um século atrás e considerem o desenvolvimento exponencial do conhecimento nesse período e os épicos avanços na pesquisa. Não precisamos, entretanto, contemplar o século passado como um todo para visualizar a dinâmica e a velocidade do progresso tecnológico: lembrem-se apenas dos últimos quinze anos de desenvolvimento digital do ponto de vista da Linguística.

Em 1997, quando eu e meus alunos Jens Runkehl e Torsten Siever começamos a analisar e-mails, comunicações em chats e homepages, menos de 5% dos alemães tinham acesso à internet – e, via de regra, usando um modem de 56 kbit/s. Em 2011, o número de usuários da internet perfazem quase 80% da população, e o acesso se dá cada vez mais por meio de terminais móveis. Para muitos jovens, o dia começa ao verificar as atualizações dos amigos no *Facebook* – e o conceito de “amigo” compreende algo diferente daquele cantado na canção *Ein Freund, ein guter Freund* dos *Comedians Harmonists*, datada dos anos de 1930.

No ano de 1998, 86% de todos os *websites* estavam redigidos em inglês. Isso e o empréstimo de conceitos da língua inglesa como *e-mail*, *website*, *chats* e LOL eram motivos para temer um imperialismo estadunidense, pautado na tecnologia, sobre as comunicações, e objeto de debates marcados pelo purismo linguístico. Hoje, menos de 30% dos *websites* estão em inglês; em segundo lugar – quem diria – estão os sites chineses. E a parcela de usuários na internet com o inglês como língua materna é apenas ligeiramente maior do que os que têm o chinês como primeira língua. Não surpreende que os conceitos da língua inglesa advindos da terra-mãe da internet tenham triunfado e ainda triunfem. Um exemplo famoso e interessante da perspectiva da ampliação de significado é o verbo germanizado *googeln*, derivado da ferramenta de busca GoogleTM lançada em 1998. O próprio termo *Google* remete à denominação inglesa para o número 10^{100} , isto é, *googol*. Originalmente com o significado “pesquisar informações na internet usando a ferramenta de busca Google”, o verbo *googeln* foi incorporado pela editora Duden, em 2004, à vigésima terceira edição de seu dicionário,

com o significado ampliado para “pesquisar na internet, em especial no Google”. Por motivos de proteção à marca registrada e possíveis consequências legais por parte da Google, a redação do dicionário Duden alterou, na edição seguinte, a entrada para “procurar na internet com o Google”. No ano passado, o verbo com o significado “buscar” esteve entre os quinze candidatos à “Palavra jovem do ano de 2011”. A ferramenta de busca na internet é uma marca mundialmente tão forte que ela triunfou não apenas na Alemanha. Em japonês, o verbo *googeln* é *guguru*, *guuguru de shiraberu* ou ainda *guugurusuru* e, em coreano, *googlehada*. Os chineses frequentemente incorporam anglicismos à sua língua por meio de derivações fonéticas (*bókè* = *blog*) ou pela transposição de significado (*internet* = *hùliánwǎng*, de *hùlián* ‘conexão elétrica’ e *wǎng* ‘rede’). Quanto ao verbo *googeln*, usa-se simplesmente o verbo em inglês: *Wǒ google yīxià*, *vou dar uma olhadinha no Google*. A globalização linguística não pode ser refreada!

Em 1997, o desenvolvimento da internet ainda se encontrava em fase pós-natal e, na pesquisa linguística, já havia uma porção de publicações sobre fenômenos relacionados à linguagem – dentre elas, vale ressaltar a coletânea editada em 1996 por Susan HERRING *Computer-mediated Communication. Linguistic, Social and Cross-cultural Perspectives*, na qual são oferecidas as primeiras análises, ainda que não muito sistemáticas, da linguagem na comunicação eletrônica. Em nossas análises de corpus, que foram publicadas em 1998 na monografia *Sprache und Kommunikation im Internet*, já se mostram em detalhe os fatores e parâmetros centrais para a variação linguística de formas de comunicação baseadas na internet. Em nenhum outro lugar estes ficam mais evidentes do que em comunicações em chats, que até agora foram as comunicações eletrônicas mais pesquisadas na Linguística e sobre as quais há centenas de publicações.

A comunicação em *chats* é uma forma de comunicação em tempo real baseada na escrita, uma forma específica na qual dois ou mais interlocutores conectados via internet se comunicam de maneira quase sincrônica em uma sala de bate-papo ou em uma plataforma com função de *chat*. O leitor visualiza as mensagens em seu monitor linha após linha; quando muitos usuários conversam entre si, nem sempre é fácil identificar o emissor das mensagens que rapidamente se seguem. *Chats* cotidianos apresentam uma série de características específicas: (1) Via de regra, há desvios das normas ortográficas. Utiliza-se frequentemente a

escrita minúscula, e a escrita com caracteres versais (também chamada de “grito”), serve como forma de ênfase. Erros de digitação não são raros, ao contrário do uso das vírgulas. (2) No plano do léxico, há o uso de gírias e variantes dialetais. Em parte, utiliza-se apenas o dialeto, como demonstram análises realizadas na Suíça. (3) As estruturas oracionais são simples; elipses e construções nominais aparecem com frequência. (4) São utilizadas abreviações específicas, como LOL (*laughing out loud*) ou “rs” (risos). (5) Ícones como os *smileys* são integrados ao texto. (6) Há o uso de onomatopeias, partículas conversacionais (*ahm*) e formas verbais não flexionadas (*seufz*, para *suspiro*). (7) Frequentemente são utilizados pseudônimos ao invés de nomes reais.

Também à guisa de ilustração, não gostaria de deixar de lhes apresentar um pequeno exemplo⁵ de uma experiência numa sala de bate-papo. Ele provém da fase de pesquisa de campo de 1997/1998⁶. Eu mesmo conversei, sob o nome Schlobi22, e havia informado previamente meu interlocutor, um estudante de Wolfsburg com o pseudônimo SRabe12328, de que eu sou professor universitário em Hanôver.

Schlobi22: eh, eu sou d Berlim, entao H [Hanôver] tb. naum eh gde coisa
 SRabe12328: Tá de brincadeira? Nasci em Steglitz.
 Schlobi22: morei em tempelhof, mas cresci em spandau
 SRabe12328: até q idade?
 Schlobi22: vc estudou em B?
 Schlobi22: ateh os 22 em spandau
 SRabe12328: Naum , nunca . Comecei a estudar agora .
 Schlobi22: fiz fu [Freie Universität], bem legal, + lah agora eh meio parado
 SRabe12328: O que vc faz? Alguma coisa c/ arte?
 Schlobi22: andei c. meu mustang 68 p dahlem
 SRabe12328: Legal !
 Schlobi22: naum, linguística, gramática, essas coisas...
 SRabe12328: jah tah terminano?
 Schlobi22: terminando o q?

5 Procurou-se emular na tradução as características específicas encontradas também em salas de bate-papo brasileiras. N.d.T.

6 Mensagens de outros usuários foram excluídas para uma melhor visualização do segmento de discurso. Cf. também Runkehl/Schlobinski/Siever (1998: 88ss.).

Schlobinski, P. – Linguagem e comunicação na era digital

SRabe12328: a facul.
 Schlobi22: sou professor, jah efetivado
 SRabe12328: Fala sério. Eu naum to te zuando tbm.
 Schlobi22: vdd!!!
 Schlobi22: olha lah o site
 SRabe12328: ahm ham, e eu sou o papa...
 Schlobi22: Schlobi vem de Schlobinski
 SRabe12328: e dai ???
 Schlobi22: SCHLOBINSKI, Universidade de Hanôver
 SRabe12328: se naum for vdd, naum fala + ctg...
 Schlobi22: pq???
 Schlobi22: e lah eh problema ser prof?
 SRabe12328: diários?
 Schlobi22: livros técnicos
 SRabe12328: sobre línguas...
 Schlobi22: isso!
 Schlobi22: sugestao de berlinense: pega o “dicionário de berlinense”
 SRabe12328: agora vou deixar minha namorada tc.
 Schlobi22: e aí maja
 SRabe12328: blz
 Schlobi22: se eu falasse q sou aluno, td bem, vcs podiam ficar chateados
 SRabe12328: ei se vc eh professor msm, fala aí uns versos do fausto
 Schlobi22: “ich sitze hier als alter tor und bin so schlau als wie zuvor”
 SRabe12328: legal
 Schlobi22: superlegal rrsrsrs

O chat não termina neste ponto, o jogo de perguntas e respostas ainda continua por mais algum tempo; mas permanece em aberto se foi possível convencer SRabe12328 ou sua namorada. Embora Schlobi22 sempre diga a verdade, parte-se do princípio de que ele esteja mentindo porque parece mais plausível, talvez “porque professores universitários – pelo menos àquela época – normalmente não participam de salas de bate-papo (e se o fazem, não o assumem abertamente)” ou porque “professores universitários não escrevem neste estilo”, etc.

Diferentes parâmetros explanatórios subjazem à maneira como se comunica em salas de bate-papo. (1) Os senhores devem ter percebido que o estilo de escrita é fortemente marcado pelo uso da linguagem oral. Respectivamente, existem efeitos de retroalimentação da língua falada na língua escrita, por exemplo, elisão do *t* final na negação *nicht*. (2) Erros

ortográficos e a escrita minúscula estão diretamente relacionados aos pré-requisitos técnicos. Quem precisa digitar extremamente rápido, comete erros e abre mão do uso da tecla *shift*. Esse fator é ainda mais grave quando o teclado é extremamente pequeno como os de celulares. (3) Aspectos de economia linguística, como os analisados por Torsten Siever em sua tese de doutorado (SIEVER 2011), são de grande valia. O esforço de digitar “Hannover” é simplesmente maior do que o de escrever apenas a letra “H”. (4) Informações não verbais e prosódicas precisam ser compensadas, sendo emuladas por meios grafoestilísticos (^_^). (5) O repertório linguístico depende do conteúdo dos diálogos, da idade (projetada) e do gênero do interlocutor, da identidade dos papéis, etc. Resumindo: fatores sociolinguísticos desempenham um papel importante e o espaço de variação é estruturado em diferentes dimensões.

O que os linguistas enxergam sob o aspecto da variação e da mudança linguística não raramente é discutido na sociedade como algo deficitário do ponto de vista da língua. Ainda hoje, desvios linguísticos de normas também são objeto de queixas sobre a decadência da língua, sobretudo as ortografias dos registros subpadrão. No início do ano, houve uma grande controvérsia pública sobre a “linguagem esfarrapada” utilizada em *tuítes* e mensagens SMS, que fora desencadeada por uma entrevista do presidente do Conselho Alemão de Ortografia, Hans Zehetmair, à *dpa*⁷, segundo a qual a “literatura em farrapos” de *tuítes* e mensagens SMS comprometeria a competência linguística de gerações inteiras. Um exemplo de “literatura em farrapos” provavelmente seria o seguinte SMS autêntico: “KANN I KURZ B DIR VORBEIKOMMEN? BIN JETZT AM AEGI U STEIG HIER I D NÄCHSTE BAHN⁸” (SCHLOBINSKI et al. 2001: 17) ou o seguinte *tuíte*: “*tazkongress denkt mit: tolle hüpfburg, zuschauen ist bereits anstrengend #tazkongress*” (SCHLOBINSKI/SIEVER 2012). Enviar mensagens SMS ou tuitar são formas muito especiais de comunicação que se caracterizam pela concisão – no máximo 160 ou 140 caracteres, respectivamente. São mensagens curtas para combinar algo, dizer *oi*, relatar algo de maneira marcante e breve, etc. Respectivamente, as mensagens de texto são simples e parcialmente reduzidas. As formas linguísticas são adaptadas ao número de caracteres disponíveis e otimizadas do ponto de vista da linguagem.

7 NdT: Sigla alemã para a Deutsche Presse-Agentur (Agência alemã de imprensa).

8 NdT: Em tradução livre: “Posso dar uma passada aí? Tô no Aegi [Aegidientorplatz] e pego o próximo bonde.”

Os blogs, por exemplo, mostram que os usuários também podem escrever de um modo completamente diferente. Ali se encontram diários *online* cuja constituição linguística é rica e complexa, elaborada especificamente para um círculo potencial de leitores. Nas chamadas *fanfictions*, os jovens seguem os passos dos autores ao dar continuação aos livros de Harry Potter ou de séries de televisão.

No espaço digital encontramos formas de comunicação e mundos textuais muito diversos, e, do ponto de vista da linguagem, o mundo digital é tão colorido e multifacetado como o real. Vale a pena observá-lo atentamente, no mínimo para não nos deixarmos levar por preconceitos e para podermos contestar generalizações com uma opinião fundamentada.

Senhoras e senhores, procurei oferecer-lhes uma pequena introdução à breve história, ao presente e ao futuro da revolução digital. Permitam-me concluir abordando quatro pontos, que tangem questões atuais da pesquisa e que também estudamos em Hanôver.

1. A produção e a recepção de textos transformam-se com as novas tecnologias. Apenas o monitor como área de visualização e a estrutura de hipertexto transformaram a construção de estruturas clássicas da informação como as conhecemos, por exemplo, dos livros. Ligada a isso está a orientação a sistemas de signos imagéticos. Meu colega de Hanôver, Klaus Bayer, formulou há mais de dez anos:

[...] no mais tardar, os textos multimidiáticos das novas mídias e da internet conduzirão a uma redefinição das funções da escrita e da imagem: é possível que, na maioria dos textos informativos, a escrita – nada supérflua, mesmo no futuro – sirva preponderantemente à representação de processos e procedimentos, enquanto objetos e relações no mundo sejam preponderantemente representados por meio de gráficos e imagens” (BAYER 2000: 20).

Um belo exemplo disso encontra-se no website *Pinterest*, uma plataforma de rede social fundada em 2011, que foi classificada pela revista TIME entre os 50 melhores *websites* do último ano. A importância da escrita e do texto em relação à informação imagética nos manterá ocupados a longo prazo, e não apenas na pesquisa.

2. Em crescente medida, a língua falada se estabelece nos meios digitais de comunicação. Isso diz respeito não somente à telefonia pela internet ou a mensagens de voz nos *blogs*, mas também programas de reconhecimento e sintetização de voz desempenham

um papel cada vez mais importante que, relacionados à conversão em texto, podem levar a uma tendência de repadronização na língua escrita.

3. Sistemas dialógicos capazes de produção linguística, os *chatbots*, são cada vez mais aplicados em *websites* de empresas como assistentes de atendimento ou como auxílio à navegação. Mas também são bem sucedidos como tutores de aprendizado à distância ou “conselheiros” psicológicos. Aperfeiçoar a capacidade de comunicação desses programas e também investigar o comportamento dos usuários são tarefas na interface entre Linguística e Informática.
4. Um outro ponto ligado ao conceito de *Web 3.0* é a ampliação da *World Wide Web* para uma “rede semântica”, uma rede em que o significado as informações torna-se aplicável, por exemplo, à busca de informações. Quais relações estruturais, semânticas e contextuais existem entre as unidades de informação e como estas podem ser exploradas como metainformações são questões fascinantes e ainda marcadas por muitos pontos de interrogação.

Senhoras e senhores, como podem ver, há muito que fazer, mas felizmente não hoje à noite. Eu agradeço pela sua atenção e: *see you!* – entretanto, escrito na sigla inglesa *c.u.* – no site *www.mediensprache.net* e/ou depois na recepção. Muito obrigado!

Referências bibliográficas

- BAYER, Klaus. Thesen zum Verhältnis von Deutschunterricht und Internet. In: *Der Deutschunterricht* (2000) 1, 11-22.
- BENJAMIN, Walter. Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit. In: *Illuminationen*. Ausgewählte Schriften. Frankfurt am Main 1977, p. 136-169.
- CEBRIÁN, Juan Luis. *Im Netz – die hypnotisierte Gesellschaft*. Der neue Bericht an den Club of Rome. Stuttgart 1999. [espanhol 1998]
- GIESECKE, Michael. *Der Buchdruck in der frühen Neuzeit*. Eine historische Fallstudie über die Durchsetzung neuer Informations- und Kommunikationstechnologien. Frankfurt am Main 1998.
- HERRING, Susan C. (ed.). *Computer-mediated Communication*. Linguistic, Social and Cross – cultural Perspectives. Amsterdam 1996.

Schlobinski, P. – Linguagem e comunicação na era digital

- LEM, Stanisław (1999): “Probleme mit der Phantomatik.” In: *Die Megabit-Bombe*. Essays zum Hyperspace. Hannover 1999. p. 94-100.
- LUHMANN, Niklas. *Soziale Systeme*. Grundriß einer allgemeinen Theorie. Frankfurt am Main 1984.
- ROSNAY, Joël de. *Homo symbioticus*. Einblicke in das 3. Jahrtausend. München 1997. [francês 1995]
- RUNKEHL, Jens & Peter SCHLOBINSKI & Torsten SIEVER. *Sprache und Kommunikation im Internet*. Überblick und Analysen. Opladen 1998. [Online: <http://www.mediensprache.net/archiv/pubs/3-531-13267-9.pdf>]
- SCHLOBINSKI, Peter et al. *Simsen*. Eine Pilotstudie zu sprachlichen und kommunikativen Aspekten in der SMS-Kommunikation. Hannover 2001 [Online: <http://www.mediensprache.net/networx/networx-22.pdf>]. (= Networx, Nr. 22. Hannover)
- SCHLOBINSKI, Peter & Torsten Siever. Sprachliche und kommunikative Aspekte in deutschen Tweets. 2012, no prelo.
- SIEVER, Torsten. *Texte i. d. Enge*. Sprachökonomische Reduktion in stark raumbegrenzten Textsorten. Frankfurt am Main 2011. (= Sprache – Medien – Innovationen, Bd. 1).
- SLOSS, Robert. “Das drahtlose Jahrhundert.” In: BREMER, A. (Hg.) *Die Welt in 100 Jahren*. Hildesheim 2012. p. 27-48. [¹1910, Berlin]

Tradução: David Farah
Revisão: Tinka Reichmann

Tradução aprovada em 17/07/2012